

Regenerador Liberal

SEMENARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 1\$000 reis
Com estampilha (anno) 1\$200 »
Brazil e Colonias 1\$500 »

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 50 reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial. Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

Arlequin & D. Basilio

As famosas revelações — O que são e o que valem as campanhas republicanas — Eloquentes discursos do sr. dr. José Tavares

Não é facil encontrar indício de muitas virtudes no incidente parlamentar de hontem, mas uma incontestavelmente ali se revelou, a qual foi a da coherencia nos processos e na pratica do ataque, que os revolucionarios dirigem contra as instituições monarchicas. Agora, como antes, como todos os dias, sempre o mesmo balancear entre o odioso e o picaresco, sempre o veneno das insinuações mais malevolas contra a honra e dignidade, politica e particular, dos adversarios, ministrado em meio de hilariantes lances, que a imprevidencia, a inconsciencia, a inhabilidade dos proprios diffamadores prepara: sempre essa aliança monstruosa de Arlequin e D. Basilio, que nunca a imaginação dos escriptores concebêra, mas que ao Creador, artista maximo, aprouve realisar nos nossos imprevisos republicanos.

Ir para um parlamento, com as mãos cheias de papelada, denunciar pretendidos delictos de alguém, sem pelo menos saber que o signatario d'esses documentos não é a pessoa que se supõe, mas uma outra de nome semelhante, é comico, por certo, debaixo de um determinado ponto de vista; mas quando se pensa que essas arguições pretendiam implicar a destruição moral de um homem e que o accusador présa em tão pouco a probidade alheia, que nem sequer tratou de averiguar com exactidão se o individuo a quem ia accusar era realmente o mesmo que escrevera aquellas cartas, então evidentemente os commentarios chocarretos desaparecem perante a grave significação moral do acontecido, que só por si edifica o espirito publico sobre o valor das campanhas de descredito contra os homens publicos, que são o pão nosso de cada dia dos palradores e dos escrevinhadores republicanos.

Annunciar com retumbantes tropos, nos jornaes e no parlamento, que é chegada a hora extrema do

regimen, prestes a afogar-se n'um mar de lama, de cambalhada com aquelles que o servem — e no momento das provas exhibir umas quatro insignificantes cartas particulares, não de um politico sequer, nem de uma pessoa que tenha qualquer interferencia na administração do paiz, e nas quaes, entre as referencias a negocios privados e presumivelmente licitos, se allude uma ou outra vez á questão Hinton, mas em termos que a ninguem, absolutamente, compromettam — poderá de certo modo ser ridiculo, se compararmos o cartaz ao espectáculo, mas deixará de o parecer logo que desçamos ao fundo das intenções do comediante, desde que não é licito attribuir a curteza do espirito a desproporção entre as afirmações e as provas.

A irreprehensivel situação moral em que a monarchia fica depois d'este incidente quasi bem-vindo, põe-a hontem em destaque no parlamento, com a sua eloquencia calorosa e brilhante, o nosso illustre correligionario sr. dr. José Tavares, que appreciou n'uma oração notabilissima o que acabava de passar-se. Em seguida publicamos as notas d'esse esplendido discurso, que justicadamente produziu na camara uma sensação profunda.

Disse o sr. dr. José Tavares:

Sr. presidente: Eu tinha pedido a palavra sobre o incidente das cartas enviadas para a meza, por entender que, representando n'esta Camara o partido regenerador-liberal, não podia deixar de manifestar a impressão que me causou a leitura d'aquelles documentos e a serie de considerações que a precederam.

O incidente apresentara-se realmente como uma questão sensacionalmente grave, que deveria marcar na evolução politica do nosso paiz nos ultimos tempos uma crise tão profunda, que fatalmente devia arrastar n'uma derrocada tremenda a monarchia portugueza.

E' certo que nos documentos em discussão, nem de longe nem de perto se faz qualquer referencia a actos do partido regenerador-liberal, ou a pessoas a elle pertencentes.

Viu-se mesmo pela historia dos pontos escuros da questão Hinton, tal como ella foi feita nas considerações que precederam a remessa das cartas para a meza, que houve um salto do anno de 1907 para 1908.

E' que, sr. Presidente, nos annos de 1907 e 1908 occupava aquellas cadeiras o governo do partido rege-

nerador-liberal, que se honrou sempre, honra e honrará de ter exercido o poder nobremente e patrioticamente.

Mas embora o partido a que tenho a honra de pertencer seja inteiramente extranho ao escandalo da questão das cartas aqui apresentadas, julguei eu do meu dever de deputado fazer em nome d'esse partido as declarações que me suggere a conjunctura presente, em que se pretende formular, contra a monarchia e contra o regimen, com o simples fundamento das referidas cartas, a mais formal e tremenda accusação.

Não podia eu deixar de dizer o que n'este momento julgo indispensavel dizer em defeza das instituições vigentes, porque se é certo que o meu partido ainda não teve a honra de colaborar, nem directa nem indirectamente, no exercicio do poder, tambem é certo que elle aspira a governar, porque na sua attude e no seu passado já deu bem seguras provas de que pôde e sabe exercer o poder.

Não podia nem devia por isso calar-me n'esta hora que tanto se annunciara como excepcionalmente grave e solememente perigosa para a vida da monarchia e para a honra e prestigio dos seus representantes e defensores.

Ha dois dias, sr. Presidente, que proposadamente se vinha preparando a opinião publica para assistir n'esta sessão, que se dizia dever ser memoravelmente historica, a uma accusação formidavel contra a monarchia e os seus mais graduados homens publicos, e á condemnação fatal e inevitavel.

Em toda a parte do mundo politico, nos centros mais animados da conversa politica, nos orgãos da imprensa mais radical, conseguiu-se crear uma atmosfera tão carregada de suspeições sobre os mais altos representantes da monarchia, que na verdade uma grande parte dos espiritos chegou a imaginar que hoje, n'esta Camara, seria o dia do juizo final, pronunciando-se solememente e irremediavelmente a condemnação do regimen.

Eu proprio, sr. Presidente, que antes de entrar n'esta Camara não cheguei a possuir-me do mais leve receio pelo annunciado desastre da monarchia, porque não podia acreditar na gravidade do que tão insistentemente se affirmava, devo contudo, confessar que me senti um

tanto ou quanto apprehensivo, quando nas considerações precederam a remessa das cartas para a meza, ouvi affirmar tão peremptoriamente que o signatario d'ellas era um dos mais elevados funcionarios publicos, que exercia o seu cargo junto de El-Rei D. Carlos, e o conserva junto de El-Rei D. Manuel.

Eu imaginava assim que, se isto fosse verdade, e se o assumpto das cartas tivesse realmente a gravidade que se lhe attribua, não só o nome do Chefe do Estado poderia ter sido envolvido na rede de corrupções tão altaneiramente apregoadas, mas que os governantes do meu paiz ficariam muito abalados no seu prestigio pela deshonra publica, e publicamente comprovada, de um dos mais altamente collocados.

Mas qual é a deshonra que afinal resulta das tão tristemente celebradas cartas para a monarchia ou para os homens publicos que mais elevadamente a representam e defendem? Absolutamente nenhuma, sr. Presidente.

Em primeiro logar não é verdade que o signatario das cartas seja o administrador da Casa Real, como aqui tão categoricamente se affirmou. E nem tão pouco é verdade que seja um alto funcionario do Estado. Mas é pura e simplesmente um official da armada, que no organismo politico e administrativo do Estado nada representa.

Com base nas cartas escriptas por esse official a um individuo com quem tinha negocios, formulou-se a accusação e a condemnação immediata, não só da monarchia, mas ainda de todo o conjuncto dos homens que a governam e teem governado.

E comtudo, sr. Presidente, a verdade que resalta clara e limpida do conteúdo d'aquellas cartas é que nem o nome do Rei actual nem o do Rei fallecido apparecem envolvidos na questão, e que a responsabilidade da augusta pessoa dos Chefes do Estado em quaesquer negocios a que ellas se referem fica inteira e absolutamente ilibada.

Mas nem os homens publicos ali apparecem compromettidos, resultando afinal que apenas se trata de negocios particulares, que, se porventura se provar serem criminosos, deverão com effeito ser punidos e castigados com o rigor das leis e da justiça.

Sr. Presidente: Se os adversarios da monarchia não teem contra ella

com pouco mais frieza de animo. Mas, n'este tempo, já o cão se havia levantado e ladrava furiosamente na direcção do logar onde o reitor estava escondido.

—Aqui, Gigante, aqui! — bradava-lhe em vão Margarida.

—O que estará acolá no centeio, para o cão ladrar assim? — perguntou Daniel, já sem pinta de sangue.

E o cão ladrava cada vez mais, e parecia prompto para arremeter contra um inimigo occulto.

O reitor, como é de prever, começava a achar-se muito pouco á vontade.

—Aqui, Gigante — continuava a pequena, já cansada de bradar.

Mas Daniel, assustado, valeu-se do cão, como instrumento de exploração e defeza, e soltou uma palavra imprudente:

—Busca, Gigante, pega!

Não foi preciso mais nada. O Gigante galgou de um salto o estreito caminho, que o separava do campo, onde o reitor cada vez sua-va mais com a imminencia do perigo,

outras provas, bem podemos e devemos nós todos os monarchicos congratular-nos com esta sessão historica, porque com taes provas apenas vem quebrar-se mais uma das grandes campanhas contra o regimen, e o paiz mais uma vez mostrará que pôde e quer continuar a governar-se honestamente com a monarchia.

Felicito-me e felicito o meu paiz por ver que os nossos homens publicos, no seu conjuncto, saem limpos e livres de culpa da tremenda accusação contra elles produzida.

LUIZ MONTEIRO

Desappareceu do numero dos vivos o nosso amigo Luiz Monteiro, sub-inspector agente da Companhia Real dos Caminhos de ferro portuguezes.

Perdemos um amigo, o que muito sentimos, porem a sua familia perdeu um chefe exemplar e a Companhia Real, de quem elle era um funcionario distincto, um optimo servidor.

O seu corpo foi trasladado de Pampilhoza para o Porto e ficou depositado na igreja do Bomfim que, depois dos responsos, foi sepultado no cemiterio da mesma freguezia.

Ao seu funeral assistiram numerosos empregados de todas as categorias não só da Companhia Real como do Minho e Douro e Beira Alta, prestando justa homenagem a quem sempre se distinguio no cumprimento dos seus deveres.

O Ex.^{mo} Snr. Engenheiro chefe da Exploração da Companhia Real era representado pelo Snr. Inspector José Pedro da Silva e portadores de corôas o Inspector do Minho e Douro sr. Luiz da Silva, sub-Inspector da Companhia Real Antonio Augusto d'Abreu e o digno agente de Campanhã sr. Vicente José d'Oliveira.

Doido... criminoso

Pelo seu advogado de defesa foi patrocinado como doido o «Catharino», que ha tempos agrediu a pau e á faca os srs. Dr. Fragateiro e Antonio Maria P. Rozas, quando passavam de noite pela rua da Aruella.

Em virtude d'isso vai o criminoso ser submettido a exame medico legal.

e rompendo por entre o centeio, veio pousar triumphantemente as patas dianteiras sobre os hombros do pobre velho, que julgou ver a morte na figura d'este monstruoso cão.

Como esses bonecos, que fazem as delicias dos pequenos feirantes do S. Miguel e do S. Lazaro, no Porto, e que, ao abrir-se a caixa, que os contém, são repentinamente expellidos por uma mola interior, o parochio, ao toque magico do agigantado quadrupede, ergueu-se de subito sobre os calcanhares, e meio suffocado pelo susto, e com as faces enfiadas, bradou para Daniel:

—Chama este cão, rapaz endemoninhado! Elle mata-me!

Daniel é que não lhe podia valer, tão embasbacado ficou com a inesperada apparição do mestre. A mulher de Loth por certo não se conservou tão immovel, depois do fatal momento, em que cedeu á irresistivel curiosidade.

(Continúa.)

(10) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

20

SENHOR REITOR
Chronica d'aldeia

—E então isso que diz?

—Conta a vida lá de uns generaes antigos, que fizeram guerras e mortes e que quasi sempre se matavam a si, quando não os matavam a elles.

—E para que é preciso que saiba essas historias quem quer ser padre?

—Eu sei lá. Mas que estás tu a dizer? Padre! padre! Não me falles em ser padre, Guida. Elles cuidam que eu quero mesmo ser padre. Estou querendo.

—Então?

—Ora, quando chegar a occasião eu lh'as cantarei. Ainda está por

nascer o barbeiro que me ha de abrir a corda. O tio João das Bichas disse-me no outro dia — a rir, já se sabe — que já tinha em casa uma navalha afiada para isso; eu fui-lhe dizendo que bem deixava então navalha para o barbearem em morto.

—Mas o seu pae mata-o!...

—Meu pae? Deixa-te d'isso. Meu pae não ha de querer fazer-me padre á força.

—Mas o snr. reitor?

—O snr. reitor não é cá chamado. Que se metta com a sua vida. Ora esta é muito boa!

—E por que não quer ser padre, Danielzinho?

—Olhem que pergunta! Não quero ser padre, porque não quero, porque gosto de ti, e porque, a final de contas, hei de vir a casar contigo.

—Ora!

—Hei de, sim. Verás.

E, dizendo isto, passou familiarmente o braço pela pescoço da pequena Guida, e pousou-lhe na fronte um beijo, que ainda nem sequer a fazia córar.

O reitor estava escandalisado e estup-facto por quanto vira e ouvira.

Tivesse assistido, em pessoa, ao apparecimento do Anti-Christo, que não se maravilhara tanto.

Esta scena inoffensiva, esta ecloga entre duas creanças, parecia-lhe mais abominavel, do que a outro qualquer as mais impudicas aventuras d'aquelle heroe, que Byron immortalizou com o nome de D. Juan, nome, já antes d'elle, de pouco austera memoria.

Ao chegar a seus attonitos ouvidos a vibração sonora do beijo, que terminou o dialogo, o padre estremeceu como se acabasse de escutar um silvo de serpente cascavel, e não pôde reprimir uma interjeição desaprovadora, bastante audível, para ser percebida por todos os personagens da scena que descrevemos.

—Não ouviste, Guida? Que foi aquillo? — disse Daniel, já meio erguido, e olhando com certa inquietação em redor de si.

—Não é nada — respondeu esta,

AGUILHADAS

Acabou o praso

O Bernardino Machado d'antes queria a Republica pela evolução, escorada na opinião popular e na educação *civilista*. Depois entrou no caminho da revolução e deu a Portugal o praso de dois annos para se alevantar o grito do amigo Lima. Os dois annos voaram e o grito metteu-se em copas.

O evangelico Bernardino, ha dias, em Setubal, erguendo os braços e encrespando a pêra dizia:

«A revolução que ainda ha poucos annos contrariava a opinião, o interesse e o sentimento publico de muitos, hoje é a propria opinião, o proprio interesse e o proprio sentimento geral que a reconhecem necessaria.»

Lá para 31 de janeiro temos grito, se o cometa dêr ordem.

Eloquencia tribunicia

O Alexandre Braga da eloquencia de gargalo espunsante espetou com esta aos tympanos dos seus admiradores:

«Naquelle hora um intruso entrou em casa de cada um de nós.»

E' porque o liquido transparente que entrará na taça fóra intruso no estomago.

Theophilo Braga de corda ao pescoco

O Bom do Democrito, o Theophilo, republicano historico, depois de dar estupidamente *catanada* de crear bicho em Herculano, nas suas *Modernas Ideias*, veio agora dar a mão á *palmatoria* para amaciar o pêlo aos camaradas.

Fez muito bem. Herculano, o primeiro portuguez do seculo XIX, para ser dignificado como merecia, não devia andar jogado, como um balão de borracha, pelos braços inconscientes dos jacobinos. Se Herculano viesse a Portugal e se visse assim *apothoseado* por tal gente, fugia para o exilio, ou enxotava os vendilhões a chicote.

O tal Cunha e Costa, o chefe-mór dos caixeiros do Grandella que rabiscam no *Mundo*, não quiz pagar a contribuição ao Estado.

O *Diario do Governo* de 19 de abril traz: «Arrematação. — No dia 4 do proximo mez de maio, pela 1 hora da tarde, á porta do tribunal do 1.º districto fiscal, se ha de proceder á arrematação em hasta publica pelo maior lance que se offerer dos bens moveis penhorados a José Soares da Cunha e Costa, para pagamento de divida á Fazenda Nacional.»

Ora o Cunha e Costa, o director espirital da cartilha republicana, o ex-consul monarchico portuguez no Brazil, o alcançador da maquia da *subscrição* nas terras de Santa Cruz, o braço direito do França Borges, a pregar o calote á nação! Esta é boa! Elle que ganha rios de dinheiro, transformado em Arisides da Republica.

Se vives e pobre, se sustentasse os filhos e a esposa, o maduro, vá que não vá...

E não hão de desejar a republica, immediata, rapida, e redemptora, estes maduros?

O cortejo republicano

E' como quem diz o cortejo em honra de Alexandre Herculano no Porto.

O *Mundo*, de 25 do corrente, falando do cortejo civico em honra de Herculano, e do pedido que a auctoridade fez, aos promotores dos festejos, de impedirem manifestações aggressivas no decurso das festas, diz:

«A espezteza estulta do governador civil, promptamente acatada pela commissão academica, não surtiu resultado, como era de esperar. Querer impôr o regime da *boa fechada* a uma multidão enorme de liberais, que saem para as ruas em manifestação de protesto contra a reacção é, pelo

menos, tólo. Essa determinação foi ainda assim, se não acatada, pelo menos involuntariamente satisfeita em certa parte do cortejo: naquella, e não era pequena, em que figurava o elemento official, escolas officias e particulares. Quando, porém, dahi a um quarto de hora, começaram de apparecer as aggremações liberaes, associações de classe, centros e escolas republicanas, etc., então o cortejo assumiu, plenamente, a sua verdadeira significação.

De milhares de bocas saíram vivas á liberdade e morras á reacção.»

Ora aqui está o civismo dos republicanos, a ideia que fazem dos centenários, a interpretação publica que deram do seu amor a Herculano e á sua obra!

Policinellos! Se Herculano se visse um dia no meio d'essa gente, thuribulado por telhudos tão formidaveis, fazia-se frade capuchinho, ou mettia um tiro nos miólos.

Questões na imprensa d'Ovar.

Em Ovar não se pôde discutir com ninguém, nos jornaes, porque o insulto, a aggressão traiçoeira de quem não tem outros argumentos, saltea-nos logo pela prôa. De forma que d'aqui para o futuro, deve fazer-se ouvidos de mercador e concordar com tudo (sic) o que dizem os adversarios. Isto para evitar que o energumeno vocifere em crise de nervos insinuações torpes e comicios de toda a casta contra a nossa personalidade.

Ha dias foi a «Discussão» que a proposito d'uma festa de caridade veio julgar os outros por si, chamando-lhes hypocritas, e mettendo-se em razões... de assolhar vidas particulares, mal lhe saímos á frente.

Agora o sr. capitão Marrecas saise-nos no mesmo jornal num des-trambelhamento que mal se explicaria, se nós não conhecessemos os processos da reportagem da «Discussão».

Pelo facto de aqui termos notado amargamente, baseando-nos no que escreveu a *Discussão* (falseando, ao que vemos agora) que o sr. Marrecas tinha a nosso respeito e sob o mesmissimo ponto de vista, duas opiniões contrarias, veio elle defender-se como argumentos aos pares tecendo insinuações indignas e agredindo-nos numa linguagem de caserna! Que fazer?

As injurias, bem cabidas, se como se vê agora, fizessesmos insinuações infundadas, recaem sobre a *Discussão* que, irreflectida ou propositadamente, põe nos labios do sr. capitão palavras que elle não proferiu.

Mais ainda; que o sr. Dr. Chaves bem sabe que por elle temos muita consideração, mais de certo que o sr. Marrecas, que tão sem ceremoniosamente veio metter o seu nome numa questão em que elle nada tem que ver.

E, emfim, que á parte do seu artigo em que tão exaltadamente trata o nosso jornal, oppoemos, em resposta, a carta que o sr. Marrecas nos enviou em fevereiro ultimo, se dá licença. E assim evitamos que corra mundo só uma das duas opiniões, que o sr. capitão tem a respeito do *Regenerador Liberal*, onde tambem desejava andar... a *feder*. Esperamos então que nos mande o seu consentimento. Sim?

E ponto... que é preciso tratá-os com brandura e carinho.

A «Discussão»

Ao sol e ás moscas. São esses tambem o melhor desinfectante e as mais glotonas amigas... de coisas ascorosas.

Mania

Lá volta a «Patarata» a atacar a religião na pessoa do illustrado pregador na ultima festividade de S. José nesta villa.

Não concorda (ou antes não a intende) com a doutrina exposta pelo orador e trata então de o deprimir e insultar.

Bom processo esse de rechear opiniões doutrinarias adversas!

A gazeta não diz em que é que *asneou* o sacerdote, que aliás é um

orador de raça, eloquente e talentoso.

E' isto motivo para responder á *Patria*: se elle fallou mal, diz em quê; senão, porque o insultas?

PILATOS & C.ª

Alexandre Herculano

espetado num comicio

Annunciara-se uma sessão solemne para o dia 23 de abril, no theatro *Principe Real* do Porto em honra de Alexandre Herculano, commemorando-lhe o centenario do nascimento.

Toda a gente sensata, que conhece o valor e a força que trazem estas commemorações a uma nacionalidade, fazendo evocar do passado a memoria d'aquelles que honraram a patria e a humanidade, toda a gente que conhecia a obra de Herculano e que bebera luz nas paginas do grande portuguez, lá se foi indo até ao *Principe Real*. Ali se congregaram os representantes de todas as collectividades e de todas as auctoridades urbanas.

O Porto, ainda se deixou enganar mais uma vez. Pensava o norte que a memoria do grande portuguez seria chamada nestes dias de solemnidade, não para afervorar paixões e semear o odio entre classes, mas evocar com toda a calma de espiritos honestos, sincetos e justos uma ideia de justiça e verdade.

Julgava o Porto que a individualidade austera de Herculano seria estudada á luz da Historia que o tivera por mestre, como um escriptor de inigualavel talento, como um historiador de inquebrantavel amor á verdade, como um poeta de inspirado carinho pela patria e pelos homens, como um politico de vigorosa saude, de caracter e d'uma honestidade de principios que o fez mestre e amigo de D. Pedro V, como critico de máscula argumentação, embora láivada, d'onde a onde, por uns visos de orgulho, que a consciencia e a convicção do merito adquirido á força de trabalho, lhe não varrerá totalmente deante dos olhos. E nós pensamos o mesmo, chegámos até a nutrir esperanças de podermos contrapor ás manifestações demagogas e arruaceiras do Sul, manifestações mais calmas, mais conscienciosas e patrioticas no Norte do Paiz.

Puro engano, formal desengano! Consentiram, em questões de mero patriotismo e de mera glorificação artistica d'um homem de talento, sujeito desde longa data ás mais oppostas, desconexas e exaltadas apreciações, que a mexerique e a exploração politica viesse semear o fomento da desordem, agitar, para fins occultos e condemnavéis, o espirito de seita e patriotismo em que está retalhada a nossa sociedade, e comprometteram tudo. Uma sessão solemne, que devia ser de ordem, de estudo, de revigoramento e alimento intellectual para uma patria decaida e desagregada, sortiu o effeito nullo e despropositado d'um comicio republicano.

Que nojo, que infamia! Que profundo nojo! Que profunda infamia!

Alli não appareceu discurso que fosse premeditado, talhado pelas leis do estudo consciencioso sobre a individualidade que se elogiava; d'ali não saiu qualquer cousa que se parecesse com uma dissertação, embora rapida e ligeira, onde pousasse por dois minutos a intelligencia dos assistentes; não se encarou, na diversa multiplicidade de aspectos em que o genio e talento de Herculano podia repartir-se, um unico aspecto que fosse radical e conscienciosamente apresentado.

Bérrros! palavras, palavrões, rhetorica, funambulescas comparações, descontraídas patacuaças de comicios ao ar livre... eis o que foi a consagração solemne a Herculano no sabbado á noite no *Principe Real*.

Uns, como o dr. Mendes Correia, ainda tentaram dar aos seus discursos aquella côr de calma e estudo que impõe respeito e faz agitar a consciencia.

Mem Verdial, não fez um discurso; abriu os braços, fez caréas, encolheu os hombros, deu mil geitos, gritou, berrou, barafustou, disse coisas do arco da velha, limitando-se a admirar Herculano «sómente como homem.» O sultão da Turquia não podia ser estudado sob outro aspecto, se Mem Verdial fosse turco, emvez de *tiradentes*. E em verdade, não ha republicas sem os seus *tiradentes*.

Alexandre Braga, irreprehensivel como orador bem posto de sobreca-saca que é, gravata branca e luva, a completar a figura, falla como um tribunicio de raça. O peor é que traz a terreiro cousas de estarrecer; não estudou nem fez discurso (e nem disso precisa quem improvisa); apañou do armazem da rhetorica ideias *fermentadas*, e estravasa-as pela torneira d'ouro da eloquencia para cima dos pacientes. Não foi um estudo sobre Herculano, foi um discurso *caldeirada*, regado por muitas palmas do *champagne* enthusiastico do auditorio.

Deante de toda esta glorificação, a terra não será muito pesada a Herculano.

O mesmo Herculano espetado n'um cortejo... civico

Outro engano, outra infamia politica. Não foi uma manifestação patriótica feita ao caracter e á memoria de Herculano, o cortejo de domingo no Porto.

Foi um plano de baixa politica, armado pela jacobinagem republicana e em que o Porto se deixou estupidamente cair. Não se via gente séria incorporada voluntariamente no cortejo.

Muita gente honesta e de posição lá marchava a passo d'anjo papudo, mas obrigada a essa exhibição pela força imperiosa da pragmatica, que assoalhou n'esse dia muita gran-cruz, muita cartólla, muita farda, muita casaca.

Os donos desta fardamenta toda iam vendidos, arrastados, envergonhados. Se o cortejo não tomasse aquelle desfecho de *politagem* réles e pataqueira das associações de classe, alli profusamente representadas por nucleos de associados parvos e ignorantes, então poderia ter alguma significação a ideia do cortejo.

Aquella gentinha, não conhecendo bem o intuito d'aquella festa, desvirtuando o caracter daquella manifestação, deixou no espirito do publico que os *admirava* a mais profunda impressão de dor. Não se tratava da glorificação d'um homem que fóra um talento, da apothose d'um portuguez que fóra um cidadão honesto; tratou-se d'uma baixissima exploração politica, em que os monarchicos foram escandalosamente palmados. Os academicos de todos os cursos e de todos os estabelecimentos, comprehenderam bem o seu papel.

Os republicanos portuenses, não os republicanos de convicções e de crenças democraticas, mas os demagogos do *vivorio* e da *arruaça*, pintaram o caneco.

Viva a patria livre! E elles mesmo, o echo fatal da sua imbecilidade, respondiam e davam palmas.

Se fossem mais auctorizadas as pessoas que levantaram esses gritos entusiasticos, os assistentes e transeuntes teriam obrigação de corresponder e apoiar.

Assim, ficaram mudos. Do grupo da associação dos artistas de calçado (os sapateiros) saíram vivas deste jaez:

Viva a patria de Arculano! E o povo que bordava os passios, sorria.

O grupo dos tecelões: *Abaixo a reacção!* Outros sapateiros do *vivorio*: *Morra o jesuita!* *Berravam outros grupelhos. Viva a Liberdade!*

E a camara, e a academia desde os cursos superiores até á escola official de instrução primaria ali representada pelos seus professores, e o exercito e o governo, e todos que alli iam apertados e mal dispostos, tiveram de engulir todos os bérrros, todos os vivas, todas as inconveniencias, todas as tolices que da matulagem republicana partia,

Morras á monarchia, morras ao rei, vivas á republica... e a auctoridade, de cabeça pendida, envergonhada, a dar *vivas á Christina!*

Isto em plena rua! No theatro *Principe Real* o Alexandre a proclamar a *republica*... das batatas!

O Porto, o Porto sério, o Porto conservador, o Porto que é o Porto e não a escumalha que lhe engraxa as botas e lhe transporta as málas, está legitimamente maguadissimo com a desfaçatez e despropositos republicanos de ha dias.

A «Discussão», afogada em lama

A *Discussão* deixou de ser um jornal, deixou de ser um *canudo*, não tem a envergadura d'um réles pamphletto, não tem a sciencia barata d'uma *lamparina* d'aldeia, a *Discussão* se alguma cousa é, é um farrapo inconsciente.

Toda a gente séria, toda a gente honesta, toda a gente que tem juizo, não pôde pegar sem nojo n'aquelle papelucho desorientado, epileptico, nervoso e enlameado. Pensa que se agarra á logica e ao bom senso e revolve-se, mexe-se, afunha, espadana, estrebucha e vocifera n'um mar de lama.

Meu Deus! aquillo não é um orgão de partido, é uma corneta de energumenes.

Não contente de se espetar a si, seguindo e pondo em acção o processo sabujo da má lingua que vem sempre em soccorro de quem não tem argumentos para sustentar a sua opinião, a *Discussão* pelo seu desleixo ou má educação, vem attribuir, a um homem que não devemos desprezar, porque procura e fareja com denodo o progresso da nossa terra, vem attribuir, mentindo, a esse homem palavras injurias contra o *Regenerador*. Dahi a attitude que perante o sr. capitão Marrecas tomou este jornal. Efectivamente se o sr. capitão Marrecas dissesse em publico aquillo que a *Discussão* lhe attribue, e põe na bocca, não estava fóra dos eixos o *Regenerador* ao fazer alguns reparos áquella maneira de vêr do sr. Marrecas.

E quem enleou toda esta meada, quem enredou toda esta embrulhada, foi a «Discussão» que não conhece as leis mais rudimentares da polidez.

N'um numero mente furiosamente, compromettendo uma pessoa honesta; no numero seguinte desmentente a mentira e berra contra o *Regenerador* por elle se fiar nas palavras mentirosas da *Discussão*, em vez de «se informar com algumas das muitas pessoas que ouviram o sr. capitão Marrecas! E' pyramidal!

A verdade, muitas vezes, são assim pela boca dos innocentes! Confessa assim a *Discussão* que nos devemos informar sobre a veracidade das suas affirmações! Passa-se um diploma bonito!

Quanto aos argumentos e processos que a *Discussão* vae usando tão descabellada e porcamente, gaste bem depressa esse farnel mesquinho, que é a unica cousa a que pôde recorrer, e espere, abrindo assim precedentes, na imprensa, pela volta que deve ser magnifica, segundo os documentos que nos vão fornecendo aquelles que aneiam uma *barrêla* futura na gente da *Discussão*.

Pôde usar agora esse jornal de todos os processos ao seu alcance, desde o *romance* idealizado por cerebro tacanho, á *critica* boçal tateada por mão nervosa.

Por emquanto a *Discussão* não passa d'uma *dobadoira*. Continue a dobar esse fio diabolico da mentira e do soalheiro, e será reduzida, e em breve talvez, as proporções de uma *maçaroca*.

Casamento

Realizou-se na penultima terça-feira o enlace matrimonial do sr. Francisco d'Oliveira Gomes com a menina Palmyra Gomes Pinto, filha extremosa do sr. José Maria Gomes Gomes Pinto.

Presidiu á cerimonia o irmão da noiva, Rev.º João Gomes Pinto.

Desejamos aos jovens consortes todas as prosperidades de que são dignos, num futuro largo e desafogado.

Rev. Domingos José dos Reis Junior

Como o contristado orphão nas amarissimas horas em que está pres-tes a sahir para a catacumba fune-rea o pae desvelado, a mãe carinhosa, assim os paro. hianos de S. Vicente de Pereira, no dia 20 do corrente, rociaram de prantos ser-tidos o lugar onde o bom sacerdote, que durante quatro annos os pas-toreara como parochio encommen-dado, lhes dava a ultima despedida.

O Rev. Padre Reis foi naquella parochia o modêlo dos pastores de almas. Tão viva e tão sensível, a saudade do povo de S. Vicente de Pereira pelo seu antigo parochio é o mais eloquente testemunho das virtudes acrisoladas que exornam a alma sacerdotal de quem aqui fa-zemos a merecida apologia.

Com que sollicitude o Rev. Pa-dre Reis desenvolveu sempre na sua parochia a santificação das al-mas! Como as florinhas abrindo as suas petalas para receberem no seu calice o rocio da manhã, os cora-ções dos seus bons parochianos, do-ceis ao seu chamamento, eram o receptaculo quotidiano das graças e bençãos do Senhor. A mais util e divina de todas as obras,—a salva-ção das almas,—era o ideal supre-mo de tão bom parochio. Um cora-ção generoso e magnanimo palpi-tava humilde, doce e suavemente d- baixo da sua batina, reflectindo toda a sua belleza, todo o seu encanto, num olhar terno, numa palavra ami-ga, num consêlho salutar, num con-forto, numa prece, na esmola e no sacrificio, na dedicacão para com todo, quer no presbyterio quer no templo, em toda a parte, emfim, onde o soffrimento humano carecia do balsamo da caridade.

Ao transpôr os limites da parochia onde só disseminou a raiz do bem, o bom Padre Reis chorava como outr'ora Jesus sobre Jesualem, não porque d'ella recebesse a ingratiidão que da cidade deicida recebeu o Divino Mestre mas porque deixava em meio a obra santa que empre-hendera com tanto amor.

Fazer conhecido e amado o di-vino Salvador, distribuindo todos os dias o seu Santissimo Corpo a um grande numero de parochianos, era a sua preocupação de todos os dias, o centro de convergencia de todo o seu santo zelo.

E com que edificacão se aproxi-mavam de Jesus-Hostia os fieis que piedosamente concorriam a recebe-lo na Sagrada Communhão!

Felizes as parochias que possuem taes pastores!—Nellas só ha paz e harmonia nas familias, respirando-se aquella atmospheria de santidade longe da qual só ha desolacão e trevas, ruina e morte para as almas.

O povo de S. Vicente, privado de tão bom parochio, presentemente não se pôde julgar n'uma orphan-dade pungente com a falta do seu bondoso Padre Reis.

O nosso abba de Rev. Augusto d'Oliveira Pinto não deixará certa-mente de proseguir a obra do seu digno antecessor, profundamente compenetrado de que não é outro o seu dever.

Oxalá!

Alguem que no jornal *A Discus-são* d'Ovar tem escripto uns arti-gos sobre este assumpto não en-vereda, de certo, pelo caminho da critica imparcial e justa. Oppondo a tudo isso, da nossa parte, a home-nagem que por esta forma prestamos ao Rev. Padre Reis, só nos assiste o recio de ferirmos a sua modestia christã, de que sempre deu os mais edificantes exemplos.

Um parochiano.

Adiamento

Estão encerradas desde o dia 23 do corrente até 31 de maio as duas casas do parlamento portuguez. O conselho de Estado reunido para ser consultado sobre o assumpto votou pelo adiamento na sua grande maioria.

O ministerio intendeu ser indis-pensavel o adiamento para bem do paiz. Estamos d'accordo, pois in-tendemos que é necessario que o partido progressista se agunte por ora no poder.

Haja juizo

Desde que o grande João Franco propoz aos bons portuguezes e d'el-les obteve a eterna condemnação dos miseraveis e perniciosos proces-sos do *rotativismo* ou conluio de dois partidos que, estando seguros da sua alternação no poder, não du-vidavam praticar os mais descarados abusos e os mais vergonhosos erros, ficaram assim arredados de uma vez os chamados partidos historicos, regenerador e progressista.

Um, escangalhou-se em pedaços wenceslistas, henriquistas e teixeiristas, que nunca poderão constituir um partido, lembrando assim o povo da Judêa que nunca hade constituir uma nação; o outro, arrasta-se sob a formula patusca da *attracção* que vamos vendo degenerar em *empulsão*, puxando *sem dar cavallaria* ou dan-do cavallaria sem puxar, ora se-guindo com o chefe ora contrariando as suas determinancias, revelando uma confusão e um desnorreamento, que ninguem sabe onde irá dar, mas que ha de necessariamente terminar, em breve prazo, pela cachexia mi-nisterial que dia a dia vamos con-templando com tristeza.

Sobre a queda do governo pro-gressista, que todos esperam a cada momento, succederá n'esse partido a mesma doenca que victimou o seu parente regenerador e que o inhabilitará portanto de pensar sequer em futuro advento.

E' claro que de todos esses des-troços ha de levantar-se dentro das instituições, que são essenciaes á nossa vida nacional, uma empreza nova de resurgimento para salvar a patria, impondo-se activa e honesta-mente, recebendo a cooperacão dos verdadeiros patriotas e calcando de-finitivamente os reconhecidos inimi-gos da patria e os perturbadores da ordem.

E, assim como se diz e se ameaça, que a Coroa terá de confiar o go-verno da nação a quem seria capaz de se revoltar se não lhe fossem satisfeitas as suas ambições, é neces-sario que a Coroa se diga que Por-tugal está farto dos exploradores politicos e que as instituições serão ajudadas pelos bons portuguezes, que não temem as ameaças, mas não poderiam ser defendidas pelos mesmos se o esperançoso Monarcha se deixasse submeter a uma orien-tação menos patriótica, dictada por mãos conselheiros, ou imposta pe-los valentões arrogantes e perturba-dores.

Como liberaes que somos quere-mos que o Chefe do Estado possa proceder segundo os dictames de razão e as indicações da opinião a não tenha de sujeitar-se a imposições atrevidas de qualquer puxador de páo ou navalhista de ponta e móla.

Queremos a monarchia assim e não consentiríamos outra coisa.

S. F. P.

Arlequin e D. Basilio

E' do nosso presado collega *Cor-reio da Manhã* o artigo que hoje publicamos em logar d'honra.

EPHEMERIDES

Em 28 de Abril de 1397 — morre o Arcebispo de Braga D. Lourenço, tão celebre no tempo de D. João I, pelo seu denodo e esforço na guerra contra os castelhanos.

Em 29 de Abril de 1822 — os Es-tados Unidos reconhecem as repu-blicas Americanas.

Em 30 de Abril de 1801 — Nelson toma a esquadra dinamarqueza, e bombardeia Copenhague.

Em 1 de maio de 1769 — nasce Lord Wellington, celebre general inglez, que tão bellos serviços nos prestou, durante as invasões, contra os francezes.

Em 2 de maio de 1604 — morre Duarte Nunes de Leão, notavel pelos seus trabalhos sobre a lingua portu-guesa.

Em 3 de maio de 313 — Diocleciano mata-se á fome, aos 68 annos de idade, 19 de reinado e 10 de abji-cacão.

Em 4 de maio de 1848 — Procla-ma-se a republica em França, pela assembleia nacional.

SECÇÃO INSTRUCTIVA

(CONTO)

Frei Lyrio (o Eremita)

(Continuado do n.º 32)

Lá fomos pela quarta vez ouvir o bom velho, e da sua prelecção nos recorda o seguinte:

—Então como vamos de medo, meu Luiz? Tambem te deixas te prender por esse terror, que só re-presenta ignorancia e pouca fé em Deus?!

—Não, meu padre. Pelo contra-rio. Desejava comtudo ouvir-lhe mais alguma cousa sobre os Cometas, e particularmente sobre o de Halley.

—Está bem. Conversemos pois.

Os astrónomos teem calculado a appareição periodica de alguns Co-metas, taes como o de Halley, assim chamado do nome de um astrónomo inglez que determinou a sua orbita em 1682; o de Encke, director do observatorio de Berlim; o de Biela, astrónomo de Johannisberg; o de Faye, astrónomo de Paris, e o de outros mais, havendo além destes mais uns 600 cometas, de que nada se pode dizer com relação á sua reaparição, nem tão pouco ao seu movimento.

Os antigos consideravam os Co-metas como preságios de grandes desgraças, porém hoje só os igno-rantes tal poderão suppôr.

A velocidade com que caminha o Cometa de Halley é de 156:000 kilometros á hora; o que equivale a dizer que gasta pouco mais de 7 segundos para percorrer uma distan-cia igual á que pelas estradas separa entre si as cidades de Lisboa e Porto. Na madrugada de 18 para 19 de Maio distará da Terra 26 milhões de kilometros.

Para fazermos ideia desta enorme distancia, basta dizer que se fosse possivel nessa occasião partir da Terra para o Cometa um comboio com a velocidade de 120 kilometros, sem parar, até lá; e ainda admittin-do a ideia de que esta distancia se conservaria constante, só para o Cometa ter a honra de receber a visita dos habitantes da Terra, esse tal comboio gastaria 25 annos, 27 dias e 18 horas para lá chegar.

Em 20 do corrente Abril, passou elle mais perto do Sol do que de Venus; ou seja á distancia de 90 mil-hões de kilometros do Sol, e de 112 milhões de Venus.

Nessa occasião recebeu 3.600 ve-zes mais calor e mais luz do que no aphelio em que dista 300 milhões de leguas.

E de resto, tudo mais que os as-tronomos escrevem e dizem sobre o Cometa, é hypothetico.

Figueira da Foz.

M. E.

(Continúa)

Movimento parochial de 19 a 25 de Abril

Baptismos

Dia 19 — *Maria Palmyra*, filha de Joaquim Pinto da Silva e de Adalina Dias da Conceição, da Es-tacção.

Idem, *José*, filho de Antonio Mar-ques Thomé e de Rosa Valente de Jesus, do logar de Sande.

Idem, *Manuel de Jesus*, filho de Antonio Henrique Valente e de Ma-ria de Pinho, do logar da Marinha.

Dia 23 — *Margarida*, filha de Ma-nuel Ferreira Marcellino e de Ma-ria Gomes, da travessa das Ribas.

Dia 24 — *Anna*, filha de Antonio Rodrigues Ferreira e de Anna Duar-te Pereira, do logar d'Accções.

Idem, *Encarnação*, filha de José d'Oliveira Pinto e de Delphina Fer-reira, da rua do Lamarão.

Idem, *Maria do Carmo*, filha de João Rodrigues Sereno e de Maria d'Oliveira Pinto, da rua dos Mara-valhas.

Idem, *Antonio*, filho de José Dias e Silva e de Maria Ferreira Dias, da rua da Fonte.

Dia 25 — *Manuel*, filho de José Leite Brandão e de Rosa da Silva, da rua da Motta.

Casamentos

Dia 21 — Manoel Valente e Joanna

da Silva Conceição, da Ponte Nova. Idem, João M. d'Oliveira Soares e Thereza Gomes Saboleira, da rua das Almas.

Dia 24 — Domingos José d'Assum-pção e Maria José da Silva, de Cimo de Villa.

Idem, José Rodrigues Formigal e Beatriz d'Oliveira Gomes, da rua do Outeiro.

Idem, Manuel Rodrigues d'Olivei-ra e Maria de Jesus d'Oliveira e Silva, da Ponte Reada.

Obitos

Dia 22 — José, de idade de 3 an-nos, filho de José Maria Cardoso e de Margarida dos Santos, da rua da Motta.

Dia 25 — Manoel, de idade de 9 horas, filho de José Leite Brandão e de Rosa da Silva, da rua da Motta.

BOLETIM

ELEGANTE

Regressou do Brazil a S. Vicente de Pereira, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, o sr. José Pereira dos Santos.

Bôas vindas. —Para Lisboa retirou o sr. An-tonio Alves da Cruz.

—Na sua bella vivenda de S. Thomé esteve ha dias o sr. Manoel Gomes Netto.

—Soffreu na preterita sexta-feira uma melindrosa operacão, o sr. José Maria Pereira dos Santos. Ao que nos informaram o seu estado é sa-tisfatorio, ao contrario dos boatos que para ali correram.

Estimamos sinceramente.

—*Dr. Soares Franco*: Para a Fronteira, onde tem sua extremosa mãe gravemente enferma, acaba de partir o sr. Dr. Antonio Soares Franco. Fazemos votos pela saude da veneranda senhora.

—Já se encontra em Espinho o sr. João Saraiva, nosso distincto amigo e correligionario.

—Receberam-se domingo, pelas 3 ¹/₂ horas da tarde, na igreja pa-rochial de Ovar, o nosso particular amigo e assignante sr. Manoel Ro-drigues d'Oliveira Junior e D. Maria de Jesus d'Oliveira e Silva, estreme-cida filha do nosso bom amigo sr. João Rodrigues Faneco, da Ponte Reada.

O acto revestiu toda a solemnidade, assistindo como celebraute e ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto d'Oliveira o Cunha, nosso digno abba de.

Conduzia as alianças a galante Maria José, estremecida filhinha do nosso amigo Manoel Lopes Guilherme.

Os noivos offereceram um deli-cioso *copo d'agua* aos numerosos convidados, entre os quaes nos lem-bra ter visto os ex.^{mos} srs.:

Dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, João d'Oliveira de Pinho, Antonio Rodrigues Faneco, Jacinto Dias de Rezende, Manoel Maria de Souza, Manoel da Silva Adriaão, Manoel Lopes Guilherme Sobrinho, Abel Soares Balreira, Manoel Lopes Guilherme, José Rodrigues Faneco, etc.

Na corbelha dos noivos viam-se algumas prendas de valor.

D'aqui lhes endereçamos os nossos parabens, augurando-lhe um futuro de muitas felicidades.

—Regressou já de Lisboa, onde fôra assistir á reunião do concelho de Estado, o snr. Conselheiro José Novaes.

—No domingo 24 regressou a sua casa vindo do Pará o nosso querido amigo Snr. Manuel de Sousa Ribe-iro, que traz a saúde um pouco aba-lada.

Fazemos votos para que as suas melhoras não se façam esperar.

Apezar de nada prevenir, espera-vam o na estação os seus amigos Joaquim Corrêa Dias, José Plácido Ramos Manuel Pereira Rosas e José Fernandes da Graça, que o acom-panharam a casa do nosso amigo Antonio Augusto d'Abreu, onde jan-tou.

—Sempre retirou para o Pará na segunda feira, 25, o nosso dedicado e sympathico amigo Snr. José Fer-nandes Graça, tendo na estação uma despedida muito affectuosa dos seus numerosos amigos.

Que faça boa viagem e gose por lá muita saúde e volte breve para o

sein da sua querida familia é o nos so desejo.

—Esteve entre nós a despedir-se de seu irmão o Snr. Antonio Fernan-des da Graça, proprietario em Lamego, para onde se retirou na segnda feira.

Victorino Ribeiro declara a todos os seus freguezes e amigos que desde o 1.º de abril pode fornecer no seu estabelecimento, ao Largo do Chafa-riz, vitella de boa qualidade.

Vitella de primeira, kilo 340 reis, de segunda, kilo 280 reis.

ECHOS DE VALLEGA

Fixou a sua residencia n'esta fre-guezia o rev. Padre Domingos José dos Reis, que durante cinco annos pastoreou com reconhecido zelo a freguezia de S. Vicente de Pereira, onde acaba de ser collado, como parochio, o rev. Augusto d'Oliveira Pinto, que foi abba de Riomeão e é irmão do rev. parochio de S. Martinho.

—De visita a sua familia esteve entre nós o rev. Padre Manoel Ro-drigues de Pinho, digno abba em Amarante.

—No proximo dia 5, quinta-feira d'Ascensão, haverá na igreja pa-rochial, pelas 5 horas da manhã, uma missa cantada e sermão, em satisfa-ção d'um voto ao S. Coração de Maria.

—Victima d'um acto de malva-dez, tem passado bastante incom-modado Rodrigo Carôa, do logar de Villar, d'esta freguezia, que ha uns dias foi barbaramente espan-cado perto da sua propria casa, sendo encontrado prostrado na via publica com o cranco partido. Não se sabe ao certo quem foi o *valentão*, que de surpresa reduziu a tão lastimoso estado um individuo indefeso.

Para averiguações foi preso um tal Fajardo, do mesmo logar, com quem a victima teve outr'ora algu-mas desintelligencias.

—No proximo domingo realisar-se-ha a festividade da Senhora da Maternidade, na igreja parochial, que constará de missa solemne, ser-mão e procissão.

—Reina grande atrapalhação e susto entre o povo, por causa da approximação do cometa d'Halley, que, segundo a opinião popular, es-cangalhará o mundo no dia 18, ou antes, na noite do dia 18 do pro-ximo mez de maio. N'uma região qualquer até se lembraram de ad-quirir a maior somma de dinheiro possivel, vendendo os bens, para se proporcionarem toda a casta de pra-zeres e passatempos, porque, di-ziam elles, é gosar até maio, que depois acaba-se o mundo; foi pre-ciso as auctoridades intervirem para pôr cõbro a uma tão nefanda creen-dice e rematada loucura. Que o co-meta vem é um facto indiscutivel; quaes serão os resultados da sua passagem atravez da orbita terres-tre, não se sabe; no entanto, na opinião dos auctorizados, parece que na peor das hypotheses não haverá desastre algum.

Soceguem, pois, todos os que teem medo do cometa, que elle pas-sa muito longe de nós para nos in-commodar.

Vallega, 24-4-910.

Jospin.

Julgamentos

Foram julgados e condemnados, no dia 18 do corrente os réos Ma-noel d'Almeida, seu irmão Antonio e Manoel Duarte Covaz, de Cimo de Villa, por haverem espancado numa esfolhada, no mez d'outubro ultimo, Manoel Gris e Manoel Ro-drigues Lopes, do Sobral. A pena comminada foi 18 mezes de cadeia, tres remidos a dinheiro e custas e sellos do processo.

Os reus appellaram para o Porto.

Declaração

Communica-nos a ex.^{ma} senhora D. Palmyra Peixoto, que, por mo-tivos particulares, não pôde fazer parte da illustre commissão de mor-domas, ha pouco nomeada para ser-vir na festividade de S. João, no proximo anno; e pede-nos que o tornemos publico. Ahi fica então a declaração, para os devidos effeitos.

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

betes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem a

TUBERCULOSE

o doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica teem demonstrado se alteram, produzindo effectos contrarios e prejudiciaes a saude.

Feça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** - **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** - **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º - No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços barattissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depósitos e na sua loja, formando os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os sistemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca **Prana «Sparklets»** **Vibrador «Varno»** **Sorveteiras, etc., etc.**

CASA LINO
40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPÉIS PARA FORRAR CASAS

Das principais fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha
178, R. de Santo Antonio, 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya - Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS - Telephone, 279

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrafas

DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 - Porto

Telephone, 616

Uma visita á
PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passeio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Efectos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartomagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE
Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:
Viuva de Silva Cerveira.

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

Flores a S. José

Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno, com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Exscripturas, Santos Padres e Doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenados por Antonio Luiz Falcão. Segunda edição. Approvado pelo Sr. Cardeal Bispo do Porto - enc., 200 reis.

O Mez de S. José

A violeta de março. Vertido d'um livro allemão por Carlos H. Pieper. Revisito pelo Dr. Domingos de Souza Moreira Freire. Com permissão do Sr. Vigario Capitular. 3.ª edição augmentada com o modo de ouvir a missa pelos defunctos - vol., enc., 160 reis.

Vendem-se na Typographia Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 e nas livrarias.

FOSFODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das scrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de cura. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto - Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa - Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da P. ata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

ARTE RELIGIOSA

Officina de esculptura em madeira e talha

- DE -

Joaquim dos Santos Leite

RUA FABRICA, N.º 57 a 61 - PORTO

N'este acreditado estabelecimento executam-se todos os trabalhos, especialmente em imagens de todas as invocações e tamanhos e em altares de todos os estylos. Execução rapida tanto para o Porto como para as Provincias, Ilhas, Africa e Brazil. Ha sempre em deposito grande variedade de imagens em madeira, marfim e metal, para jazigo; Santuarios de pau preto e d'outras madeiras. Banquetas para altares, sacras, estantes para missal, basos eucharisticos, ramos e cyprestes e muitos mais artigos do culto assim como: terços encadeados, rosarios, medalhas e cruzes, em todos os formatos e pias de agua benta em ploxes proprias para cabeceira; estampas e quadros. Encaixilha-se toda a qualidade de estampas.

Grande deposito de redomas e pianhas. Remette-se todas as informações. Orçamentos contra pedido e observando-se a maior modicidade nos preços.

TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72 - Rua da Picaria, 74 - PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º

(Em frente ao coreto da Graçiosa)

ESPINHO

REGENERADOR LIBERAL

OVAR

ILL.º SNR.